

A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A AURORA

Vol. 10 No. 2

MARÇO-ABRIL 2017

Publicada em Alemão, Croata, Espanhol, Francês, Grego, Inglês, Italiano, Polonês, Português, Romeno, Russo e Ucrainiano.

CONTEÚDO DESTAQUE NÚMERO

A AURORA é publicada bimestralmente por The Dawn Bible Students Association, Divisão em português, 199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA
www.dawnbible.com

Sirva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

ALEMANHA: Tagensbruck Bibelstudien-Vereingung, Alzeyer Str. 8 (Postfach 252), D 67253 Freinsheim

ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires

AUSTRÁLIA: Berean Bible Institute, P.O. Box 402, Rossana, Victoria, 3084

BRASIL: A Aurora, Caixa Postal 50088, Rio de Janeiro, RJ CEP 20050-971 E-mail: estudantesdabiblianobrasil@gmail.com

CANADÁ: P.O. Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2 Canada

COLÔMBIA: A.A. 7804, Medellín, Antioquia.

ESPANHA: El Alba, Via S. Leonardo 21, Octaviano 80044, Napoli, Italia

FRANÇA: Aurore, 45, Avenue de Gouvieux, 60260, Lamorlaye

GRÉCIA: He Haravgi (The Dawn), 199 Railroad Ave., East Rutherford, NJ 07073 USA

ILHAS BRITÂNICAS: Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham, HP5 3ED

ÍNDIA: The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025

ITÁLIA: Aurora, Via Ferrara 42, 59100 Prato

DESTAQUES DA AURORA

Nos passos do Cordeiro 2

ESTUDOS INTERNACIONAIS DA BÍBLIA

A fonte de todo o amor 17

A misericórdia e a graça de Deus 20

Permaneçam no amor de Deus 22

O amor de Deus restaura 25

VIDA E DOCTRINA CRISTÃ

A busca pelo povo de Deus – Parte 2

Gentios convidados para o Corpo de Cristo 28

The Dawn - Portuguese Edition

MARCH / APRIL 2017

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Nos passos do Cordeiro

“Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro.” — Apocalipse 14:4

O “CORDEIRO” é um dos títulos simbólicos que as Escrituras aplicam a Jesus. Em Apocalipse 5:6, João descreve uma visão do trono de Deus, e há no “meio do trono, ... um Cordeiro, como havendo sido morto.” Aqui está revelada a lição que é transmitida pelo simbolismo do Cordeiro. É um “Cordeiro, como havendo sido morto”, denotando um completo sacrifício, até a morte. Embora essa seja a primeira referência ao Cordeiro no Livro do Apocalipse, esse símbolo de sacrifício relacionado com o desenvolvimento do plano de Deus é proeminente em toda a Bíblia.

Deus disse a Adão e Eva que, se transgredissem sua lei, morreriam: “no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gên. 2:17) Quando comeram do fruto proibido, foram condenados à morte. Deus também falou à serpente, dizendo que a “semente de Eva” lhe ‘feriria a cabeça’. (Gên. 3:14, 15) Essa declaração, embora encoberta em linguagem simbólica, sugeria que de alguma forma ainda não revelada, os resultados da vitória de Satanás sobre nossos primeiros pais seria erradicados.

Posteriormente, os dois filhos de Adão e Eva trouxeram sacrifícios ao Senhor. A oferta de Caim consistia do fruto do campo, enquanto que Abel apresentou um cordeiro. (Gên. 4:2-5) Nós lemos em Hebreus 11:4 que “pela fé Abel ofereceu a Deus um sacrifício mais excelente do que Caim”. Para que a fé de Abel resultasse na oferta desse sacrifício mais excelente, é possível que o Senhor lhe tenha revelado, de algum modo, que aquela seria o tipo de oferta aceitável.

É improvável que Abel tenha compreendido por que a oferta de um cordeiro seria agradável ao Senhor. No entanto, à luz do plano de Deus, tal como progressivamente revelado no restante da Palavra de Deus, podemos agora entender. Nossos primeiros pais pecaram e foram condenados à morte. Essa condenação foi transmitida à sua prole, porque todos nasceriam em pecado. No entanto, Deus tinha feito uma declaração sugerindo que de alguma forma o pecado seria remido, resultando na libertação da sentença de morte. Assim, bem no início do desdobramento de seu plano, Deus começou a revelar, por meio do símbolo do Cordeiro, que “sem derramamento de sangue não há remissão” — Heb. 9:22

BÊNÇÃOS PROMETIDAS A TODOS

Depois de aproximadamente dois mil anos de experiência humana, o simbolismo do Cordeiro é novamente trazido à nossa atenção. Isso está relacionado com os tratos de Deus com Abraão. Deus prometeu a esse fiel patriarca que, através de sua “semente”, todas as famílias da Terra seriam abençoadas. (Gên. 12:3) A fé de Abraão foi severamente testada ao ter de esperar o

nascimento dessa semente prometida. Ele não entendeu que a semente de que Deus falou em sua promessa era Cristo. — Gál. 3:8, 16

Depois de muitos anos de espera, Abraão e Sara tiveram Isaque como filho. Do ponto de vista deles, Isaque era a semente da promessa. No entanto, quando esse amado ficou adulto, Deus pediu a Abraão que o oferecesse como holocausto, ou oferta queimada. (Gên. 22:1-19) Abraão tinha desenvolvido grande fé em Deus e em suas promessas. Ele acreditava que se desse Isaac como sacrifício, Deus o ressuscitaria dos mortos, para cumprir sua promessa de que por meio dele todas as famílias da Terra seriam abençoadas. (Heb. 11:17-19) Assim, Abraão seguiu com os arranjos para cumprir o pedido de Deus.

Consequentemente, vemos Isaque deitado em um altar para ser sacrificado, e Abraão com sua faca levantada para matar seu filho. Nesse momento, somos informados de uma importante verdade relativa ao plano de Deus. Antes que todas as famílias da Terra possam ser abençoadas por meio da descendência de Abraão, um Pai amoroso deve entregar seu Filho em sacrifício. À medida que as Escrituras continuam a revelar o plano de Deus para a salvação do mundo, aprendemos que o Pai que dá seu Filho em sacrifício é nosso amoroso Pai Celestial, que deu seu “Filho unigênito” para a redenção e salvação do mundo. (João 3:16) Um carneiro, ou cordeiro, foi fornecido como um substituto para Isaque, representando como Deus providenciaria seu Filho amado como o Cordeiro, e, por meio de seu sacrifício, toda a humanidade poderia ser abençoada.

LIBERTAÇÃO DO EGITO

Séculos depois dos dias de Abraão, seus descendentes foram feitos cativos no Egito por Faraó, e Deus enviou Moisés para libertá-los. Faraó, que nessa situação pode, apropriadamente, representar Satanás, o Diabo, não estava disposto a libertar os filhos hebreus da escravidão. Várias pragas foram infligidas a Faraó e seu povo, sendo a última a morte do primogênito. Algumas dessas pragas atingiram também os israelitas.

Deus deu instruções a Moisés e a Arão sobre como o povo de Abraão poderia salvar seu primogênito da morte. Cada família deveria matar um cordeiro, e aspergir seu sangue sobre os lintéis e os batentes das casas. Durante a noite, o cordeiro deveria ser comido. Sob a proteção do sangue aspergido, os primogênitos dos hebreus foram salvos da morte, e no dia seguinte os israelitas foram todos libertados da escravidão no Egito. (Êxo. 12:1-13, 28-42, 50, 51) Aqui também, o simbolismo do Cordeiro que foi morto é dramaticamente trazido à nossa atenção.

Observamos que o sangue do cordeiro trouxe primeiramente a salvação ao primogênito de Israel. Em Hebreus 12:23, o apóstolo Paulo fala da “igreja dos primogênitos”. As Escrituras também revelam que, após a salvação da igreja dos primogênitos durante a presente era, toda a humanidade será libertada da escravidão do pecado e da morte. Isso, também, é possível através do Cordeiro que é morto, e é ilustrado por todo o Israel sendo libertado da mão do Faraó.

“AO MATADOURO”

As profecias do Antigo Testamento também se referem ao Cordeiro que foi morto. Na profecia de Isaías, lemos: “Jeová tem desnudado o seu santo braço aos olhos de todas as nações, e todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus.” (Isa. 52:10) O “braço” de Jeová é Jesus em sua exaltada glória real, a semente por meio da qual todas as famílias da Terra serão abençoadas. Como é reconfortante saber que por meio dele, “todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus”.

No capítulo seguinte, porém, Isaías pergunta: “Quem creu em nossa mensagem? E a quem foi revelado o braço de Jeová?” Em vez desse braço de Deus ser revelado a todas as nações, como Isaías já havia visto em sua visão profética, ele agora vê Cristo como sem “qualquer beleza ou majestade que nos atraísse... desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima”. — Isa. 53:1-3, *NVI*

Isaías continua com sua descrição profética da falta de estima que o povo teria por Jesus, bem como das cruéis perseguições que lhe seriam infligidas. No versículo 7 lemos: “Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca.” Assim, aquele que no plano de Deus de redenção e libertação estava destinado a trazer a salvação para “todos os confins da terra”, se tornou o Cordeiro que foi morto.

O CORDEIRO É IDENTIFICADO

João Batista identificou o Cordeiro predito no Antigo Testamento. Ao ver Jesus aproximar-se dele, João disse: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” (João 1:29) João falou sob a inspiração do Espírito Santo e, possivelmente, não compreendeu plenamente toda a importância de sua declaração. Para nós, entretanto, fica claro que ele estava falando sobre aquele que era o antítipo cordeiro que Abel ofereceu a Deus. Este, também, foi prefigurado pelo cordeiro que Deus providenciou como substituto de Isaque no altar do sacrifício. Eis aqui aquele que é tipificado pelo cordeiro da Páscoa de Israel que foi morto, o qual Isaías predisse que seria conduzido como um “cordeiro para o matadouro”. Eis o verdadeiro Cordeiro, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.

Em corroboração do testemunho de João, o apóstolo Paulo se referiu a Jesus como “Cristo, nosso Cordeiro Pascal”, identificando-o como o antítipo do cordeiro pascal de Israel. (1 Cor. 5:7, *KJA*) Pedro, também, confirmou essa mesma Verdade, escrevendo: “Não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo.” — 1 Ped. 1:18-20

Assim, vemos que o simbolismo do Cordeiro aparece ao longo do Antigo e do Novo Testamento, encontrando seu clímax no livro do Apocalipse. Nessa visão, João vê o “Cordeiro como havendo sido morto”, e

este se achou digno de “abrir o livro” que ficava à “destra do que estava assentado no trono.” (Apo. 5:1-7) Depois, vê o Cordeiro no “Monte Sião” e fala do tempo em que “chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou”. Por fim, João vê o “rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro.” — Apo. 14:1; 19:7; 22:1, *NVI*

O CORDEIRO É EXALTADO

Uma outra linha de testemunho profético, de características diferentes, também está associada às muitas referências bíblicas sobre o Cordeiro que foi morto. Pedro resume esse testemunho adicional, dizendo que o Espírito Santo, falando por meio dos profetas, “predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam”. (1 Pedro 1:11) Muitas das profecias relativas aos sofrimentos de Cristo, mostradas em parte pelo simbolismo do Cordeiro foi morto, também revelam promessas maravilhosas da exaltação e glória do Cordeiro, após seu sofrimento e morte.

Uma descrição maravilhosa dessa glória prometida é feita após as palavras já citadas de Apocalipse, capítulo 5. Nessa descrição subsequente, João escreve: “Ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono... e cantavam em alta voz: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!” Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há, que diziam: “Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a

honra, a glória e o poder, para todo o sempre!.” — vs. 11-13, *NVI*

É por isso que no capítulo 14, como observado anteriormente, vemos o Cordeiro de pé no Monte Sião. Por ter sido recompensado com “as glórias que viriam após”, ele é agora grandemente exaltado. Sugeriu-se que, no domínio natural, quando as ovelhas e os cabritos são deixados vagar a esmo, os cabritos invariavelmente escalam as partes superiores das colinas, ao passo que as ovelhas procuram geralmente os lugares baixos e os vales. Por isso, João deve ter achado muito estranho um cordeiro ser visto no Monte Sião.

Isso revela uma verdade vital sobre Jesus, o Cordeiro de Deus. Ele não alcançou sua posição elevada no Monte Sião por exaltar a si próprio. Assim como os cordeiros, ele procurou os lugares baixos. Jesus se humilhou, e, por isso, seu Pai Celestial o exaltou. Paulo nos chama a atenção para isso, dizendo: “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.” — Fil. 2:5-11, *NVI*

No capítulo 12 de Hebreus, temos outro exemplo da humildade de Jesus, que resultou em sua exaltação por Deus. Aqui, Paulo nos aconselha a

olharmos para Jesus como um exemplo em nossos esforços para agradar ao Pai Celestial. Lemos: “Tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus. Pensem bem naquele que suportou tal oposição dos pecadores contra si mesmo, para que vocês não se cansem nem se desanimem. Na luta contra o pecado, vocês ainda não resistiram até o ponto de derramar o próprio sangue.” — vs. 2-4, *NVI*

“OPOSIÇÃO DOS PECADORES”

Jesus sofreu oposição quase constante dos pecadores desde o início de seu ministério até o fim, quando na cruz clamou: “Está consumado!” (João 19:30) Essa oposição era tanto em coisas pequenas quanto em questões de grande importância. Mesmo as grandes verdades sobre sua vida não foram aceitas. Ele era o Filho de Deus, mas isso foi refutado. Ele veio à Terra para ser o Messias e rei de Israel, e isso também foi contestado. Na verdade, a oposição aos fatos vitais sobre Jesus resultou em sua crucificação.

Quando Jesus foi batizado, ouviu seu Pai Celestial dizer: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado.” (Mateus 3:17, *NVI*) Quarenta dias depois, quando Jesus saiu do deserto, ele sofreu a oposição de Satanás. O diabo levou-o, em visão, “à cidade santa” e o colocou “na parte mais alta do templo”, e disse-lhe: “Se você é o Filho de Deus, jogue-se daqui para baixo. Pois está escrito: ‘Ele dará ordens a seus anjos a seu respeito, e com as mãos eles o segurarão, para que você não tropece em alguma pedra.’” — Mat. 4:5, 6, *NVI*

Jesus resistiu a essa tentação, respondendo: “Também está escrito: ‘Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus’”. (v. 7) Quarenta dias antes, o Pai Celestial lhe dera a certeza de sua filiação, e Jesus tinha total confiança no fato de que ele era o Filho unigênito de Deus. Ele sabia que fazer qualquer coisa no sentido de buscar mais confirmação desse fato teria sido errado, especialmente uma coisa tão absurda como saltar do alto do templo.

Satanás também tentou Jesus em conexão com sua realeza. Sobre isso lemos:

“Depois, o diabo o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o seu esplendor. E lhe disse: ‘Tudo isto lhe darei, se você se prostrar e me adorar.’” (vs. 8, 9) Jesus sabia que, no devido tempo de seu Pai, assumiria o domínio dos reinos deste mundo, e ele não aceitou receber essa herança segundo os termos do diabo. Ele respondeu: “Retire-se, Satanás! Pois está escrito: ‘Adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto.’” — v. 10

Tiago escreveu que se resistirmos ao diabo, ele fugirá de nós. (Tiago 4: 7) No entanto, não há garantia de que ele não tente novamente, e foi isso o que ele fez com Jesus. Essas tentações feitas por Satanás são a base para a extrema “oposição dos pecadores” contra o Mestre. O Adversário estava sempre alerta para continuar a campanha de ataque, especialmente no fim do ministério de Jesus.

Quando a multidão veio de Jerusalém para Getsêmani para prender Jesus, ele disse aos líderes religiosos: “Todos os dias eu estava com vocês no templo e vocês não levantaram a mão contra mim. Mas

esta é a hora de vocês — quando as trevas reinam.” (Lucas 22:53) Anteriormente, Jesus havia dito a esses hipócritas religiosos que eles eram “de seu pai o diabo”. (João 8:44) Satanás é o príncipe das trevas, e a observação de Jesus, “esta é a hora de vocês”, indicava que agora seria permitido a Satanás fazer o que quisesse com Jesus. Com esse pensamento em mente, vejamos alguns detalhes do que aconteceu, pois, nessas últimas horas da vida terrena de Jesus, quando ele estava sendo conduzido como um Cordeiro para a matança, encontramos o clímax da oposição dos pecadores contra ele.

FILIAÇÃO E REALEZA SÃO REJEITADAS

Jesus foi preso e levado à casa do sumo sacerdote, onde foi humilhado e torturado até de manhã. Então ele foi levado diante de um conselho formado pelo “Sinédrio, tanto os chefes dos sacerdotes quanto os mestres da lei.” “Perguntaram-lhe todos: ‘Então, você é o Filho de Deus?’” (Lucas 22: 66, 70) Jesus respondeu: “Vós estais dizendo que eu sou.” Para os seus perseguidores isso significava que Jesus havia confessado, então eles disseram: “Por que precisamos de mais testemunhas? Acabamos de ouvir dos próprios lábios dele.” — vs. 70, 71

O ponto aqui é que Jesus era de fato o Filho de Deus. Portanto, seu reconhecimento desse fato não foi blasfêmia. Seus perseguidores, porém, não acreditavam nisso. Por isso, sua acusação de blasfêmia era parte da oposição dos pecadores. Satanás, que três anos e meio antes dissera a Jesus para se jogar do templo se ele fosse filho de Deus, agora parecia vitorioso. Jesus não havia

provado aos líderes judeus que ele era o Filho de Deus, e agora estava sendo condenado à morte por blasfêmia.

No entanto, os líderes religiosos de Israel não tinham autoridade para matar Jesus. Só o governo romano podia fazer isso, então ele foi levado diante de Pilatos, o governador, onde foi acusado de reivindicar ser um rei. Se isso fosse verdade, poderia ser interpretado como insurreição contra Roma. Pilatos perguntou a Jesus: “Tu és rei?” Jesus respondeu: “Para isso nasci e por isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade.” — João 18:37

Depois disso, açoitaram a Jesus, colocaram uma coroa de espinhos na cabeça dele, o vestiram com uma capa de púrpura e o aclamaram “Rei dos Judeus!” (João 19:1-3) Mais tarde Pilatos “mandou preparar uma placa e pregá-la na cruz, com a seguinte inscrição: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.” (v. 19) Jesus era o Rei dos Judeus e estava destinado a ser o Rei do mundo inteiro — o “Rei dos reis” (Apo. 17:14) Nesses momentos, porém, tudo o que estava sendo dito sobre sua realeza por seus inimigos era apenas mais uma manifestação da oposição dos pecadores. Jesus tinha recusado a se curvar e adorar Satanás para se tornar rei das nações, e agora ele estava sendo condenado à morte por ter corretamente afirmado ser um rei.

Aqueles que observaram Jesus ser crucificado clamaram a ele: “Se és Filho de Deus, desce da cruz.” (Mateus 27:40, *ACF2007*) Esse desafio era idêntico ao que Satanás havia feito a Jesus, quando disse para ele saltar do alto do templo e provar sua alegada filiação. Jesus então se recusou a tentar seu Pai Celestial, mas agora uma última oportunidade lhe fora dada. Se

descesse da cruz, poderia provar que era o Filho de Deus. Ao abster-se de fazê-lo, sua alegação foi interpretada como falsa — outra manifestação da oposição dos pecadores.

Os espectadores também gritaram: “Ele salvou a outros e não pode salvar-se a si mesmo! Se é rei de Israel, desça agora da cruz e nós creemos nele!” (vs. 42, *BAM*) Mais uma vez, Jesus recusou-se a vindicar-se aos olhos de seus inimigos, escolhendo antes suportar a oposição dos pecadores. Seus inimigos não perceberam que, ao recusar-se salvar a si mesmo, estava dando salvação a eles e “a todas as famílias da terra”! (Atos 3:25) Jesus assim permitiu-se ser conduzido como um “cordeiro ao matadouro”, não abrindo a boca em sua própria defesa, ou buscando outra forma de se justificar diante de seus inimigos. Na sua ressurreição, o Pai Celestial o exaltou muito. Jesus se humilhou, e agora vemos o Cordeiro no Monte Sião simbólico.

SEGUINDO O CORDEIRO

Aqui a narrativa se torna de interesse vital para nós. João afirma que no Monte Sião, com o Cordeiro, há “cento e quarenta e quatro mil, tendo o nome de seu Pai escrito em suas testas”. (Apo. 14:1) Nosso texto inicial nos informa que esses no Monte Sião com o Cordeiro são aqueles que seguem o Cordeiro aonde quer que vá, uma caminhada que, por fim, os conduz ao Monte Sião. A única maneira de alcançar essa posição exaltada e estar com o Cordeiro é por segui-lo. Seguir a liderança humana não é o caminho para chegar ao Monte Sião. Confiar em nossa carne decaída também não nos levará ao Monte Sião. Há apenas um caminho para alcançar tal

posição exaltada, e este é “seguir o Cordeiro aonde quer que ele vá”.

Qual é esse “caminho” no qual o Cordeiro caminhou tão fielmente e, assim, alcançou o Monte Sião? Era o caminho da humilhação, do sofrimento e, por fim, da morte. Era o caminho no qual a oposição dos pecadores era continuamente feita contra ele. Era o caminho no qual ele, como um Cordeiro, não abriu sua boca para se defender, voluntariamente permitindo que outros pensassem que ele estava errado — tão errado que o consideravam um inimigo que deveria ser morto.

Podemos andar num caminho igual a esse, e estamos fazendo isso? É improvável que enfrentemos oposição em questões tão importantes como as de Jesus. No entanto, o princípio é o mesmo, mesmo que as coisas em que enfrentamos oposição muitas vezes pareçam relativamente insignificantes. Um dos desejos mais fortes do coração e da mente humana é ter a boa vontade e a aceitação dos outros. Mesmo na discussão de detalhes bíblicos, gostamos de provar que estamos certos. Dar a “última palavra” é geralmente muito importante para a carne. Tal, porém, não foi a atitude do Cordeiro que foi morto.

Façamos uma comparação com Jesus nesse assunto. Às vezes, podemos sentir vontade de fazer algo dramático para provar que somos especiais aos olhos de Deus. Quão mais aceitável é, no entanto, que silenciosamente continuemos a fazer a vontade do Senhor diariamente, despercebidos por aqueles ao nosso redor. (1 Cor. 1:27-31, 1 Ped. 3:4) Deus pode usar pequenas coisas para testar-nos nesse aspecto. É bom, então, examinar os pensamentos mais íntimos de nosso

coração para nos certificar de que estamos humildemente nos submetendo a qualquer oposição dos pecadores que possamos sofrer em virtude de nossa caminhada, à medida que “seguimos o Cordeiro.”

Pedro nos mostrou qual é o pensamento correto, ao escreveu: “Pois que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus. Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos. “Ele não cometeu pecado algum, e nenhum engano foi encontrado em sua boca”. Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça.” — 1 Pedro 2:20-23, *NVI*

Continuemos a nos humilhar sob a poderosa mão de Deus, seguindo o Cordeiro no caminho do sacrifício e da morte. Ao fazê-lo, e por continuarmos a suportar a oposição dos pecadores paciente e vitoriosamente até a morte, o Pai Celestial nos exaltará no devido tempo. (1 Ped. 5:6) Estaremos então com o Cordeiro, como parte dos “cento e quarenta e quatro mil” filhos de Deus que têm o seu nome escrito “nas suas testas”. Quando ‘o reino for de Jeová’, nós, com o Cordeiro, seremos “salvadores” no Monte Sião, e governaremos em justiça para a bênção de toda a humanidade. (Oba. 21) Que perspectiva gloriosa aguarda aqueles que “seguem o Cordeiro” fielmente!

A fonte de todo o amor

Versículo-chave: *“Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros.”*
— 1 João 4:11

Versículos selecionados: 1 João 4:7-19

O NOVO Testamento foi escrito no idioma grego, e dois grupos diferentes de palavras gregas foram traduzidos para o português como “amor”. A palavra grega *phileo* descreve um amor associado ao apego pessoal, como o amor da família ou dos amigos, oferecido a partir de um sentimento de afeto mútuo. A expressão “amor fraternal” é uma tradução da palavra grega *philadelphia*, a forma substantiva do verbo *phileo*.

As palavras gregas *agape* e *agapao* são as formas substantivas e verbais de um tipo diferente de amor. *Agape* é um amor que envolve altruísmo e sacrifício, concedido se merecido ou não, e independentemente do carinho mútuo. É um amor semelhante ao de Deus. O apóstolo João usou essas palavras frequentemente. Em suas três cartas, a palavra amor aparece trinta e oito vezes, e todas são traduções das palavras *agape* ou *agapao*.

Nos versículos de nossa lição, João usa essas palavras gregas para descrever o amor de Deus. “O amor é de Deus; ... Deus é amor.” (1 João 4:7, 8, ARM1967) Descrevendo como Deus exerceu seu amor por meio de

Jesus, João continua: “Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. ... enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.” (vs. 9, 10, *NVI*) No evangelho de João, ele também se refere a essa grande manifestação do amor de Deus: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” — João 3:16.

O verdadeiro cristão deseja desenvolver um amor altruísta, abnegado. Tal amor vai além de um simples sentimento benevolente, ou afeto mútuo, exercido de um para com o outro. Pelo contrário, é um amor que impele a sacrificar os próprios interesses, o prazer, o conforto, o tempo, a força e tudo o que se tem, para a bênção de outros. Esse tipo de “amor uns aos outros”, como citado no nosso versículo-chave, requer uma busca minuciosa de coração, um exame da consciência, e é desenvolvido ao longo do tempo.

“Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor está aperfeiçoado em nós... Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.” (1 João 4:12, 16, *NVI*) Deus aceita nosso amor uns pelos outros como uma manifestação de nosso amor por ele. Assim, perguntamos: Temos um genuíno interesse e preocupação pelo mais alto bem-estar espiritual de nossos irmãos? Quando ficamos sabendo de suas experiências difíceis, temos empatia e compaixão? Oramos por eles, pedindo graça, força e que a vontade de nosso Pai Celestial seja feita em favor deles em todos os assuntos? Será que tomamos tempo para encorajar

nossos irmãos, compartilhando promessas bíblicas por meio de uma mensagem, um *e-mail* ou um telefonema?

Outra forma de avaliarmos se estamos desenvolvendo o amor *agape* é o modo como o exercemos para com toda a humanidade, demonstrando amor até pelos nossos inimigos. (Mateus 5:44, 45) O amor altruísta nos fará ser solidários e misericordiosos para com eles. Se nossos inimigos, em algum momento no futuro, forem iluminados pela verdade da Palavra de Deus e pela sua graça, manifestando assim o desejo de reparar seus erros, nos alegraremos se verdadeiramente tivermos amor altruísta por eles.

Busquemos desenvolver esse tipo de amor, lembrando que Deus é a sua fonte. Se falharmos, às vezes, em manifestar amor aos nossos irmãos, à humanidade, ou mesmo aos nossos inimigos, nós não devemos desanimar. Em vez disso, devemos procurar o trono da graça para o perdão de Deus, e pedir uma medida maior de seu espírito do amor *agape*. — 2 Tim. 1:7

Lição 2

A misericórdia e a graça de Deus

Versículo-chave: “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos).”
— *Eféσιο 2:4, 5*

Versículos selecionados:
Eféσιο 2:1-10

PAULO COMEÇA sua carta aos irmãos em Éfeso, dizendo: “aos santos que estão em Éfeso e aos fiéis em Cristo Jesus.” (Efé. 1:1) No capítulo 2, ele lhes lembra que, por causa da desobediência de Adão, o mundo inteiro da humanidade é considerado como “mortos nos vossos delitos e pecados, ... filhos da desobediência.” (vs.1, 2) Isso inclui os seguidores dos passos de Jesus. Em outra carta, Paulo explica a razão disso, dizendo: “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem [Adão], e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram.” (Romanos 5:12, *NVI*) Como resultado, desde a desobediência de Adão, Satanás tem sido o “príncipe deste mundo” e o “príncipe do poder do ar”. — João 12:31; Eféσιos 2:2, *NVI*

Entretando, pelo seu grande amor e misericórdia, Deus forneceu seu Filho unigênito, Jesus, como resgate, ou preço correspondente, para redimir Adão e toda a raça humana. “Porque, assim como a morte veio por um

homem[Adão], também a ressurreição dos mortos veio por um homem [o homem perfeito Jesus].” (1 Cor. 15:21) As Escrituras explicam ainda que Jesus “foi feito menor do que os anjos... por ter sofrido a morte, para que, pela graça de Deus, em favor de todos, experimentasse a morte.” — Heb. 2:9

As Escrituras mostram que há uma diferença entre as esperanças e promessas dos crentes consagrados (a Igreja), e as esperanças e promessas do resto da humanidade. Deus está agora lidando com os que têm “ouvidos para ouvir” durante a presente Era do Evangelho, ao passo que, a esperança do mundo está no futuro reino terrestre. (Mateus 6:10) Hoje, os que ouvem, respondem e recebem a graça de Deus em Cristo, são declarados individualmente como uma “nova criatura”. — 2 Cor.5:17; Gál. 6:15

Nos versículos-chave de nossa lição, a misericórdia e a graça de Deus para com essas novas criaturas é explicada por Paulo. Ele afirma que a misericórdia de Deus é tão rica, e sua graça tão abundante, que ele “nos amou” mesmo quando estávamos “mortos em pecados” e providenciou os meios de nossa salvação através de Cristo. O amor do Pai Celestial por essas novas criaturas inclui a esperança e o privilégio adicionais de se tornarem “coerdeiros com Cristo; se assim sofremos com ele”. — Rom. 8:17

Paulo também fala da harmonia e comunhão que essas novas criaturas têm com o Pai Celestial e com nosso Senhor Jesus na vida presente, dizendo que Deus “nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”. (Efé. 2:6) Recebemos essas bênçãos, Paulo continua, não por

merecimento. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.” — vs. 8, 9

Se fizemos uma consagração plena e aceitável a Deus, quais novas criaturas, somos considerados como tendo sido soerguidos da condição pecadora e mortal, aos “lugares celestiais”, uma nova condição de vida em Cristo. Portanto, todos os que “ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas.” — Col. 3:1, 2

Lição 3

Permaneçam no amor de Deus

Versículo-chave: “*Este é o meu mandamento: Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei.*”
— *João 15:12*

UMA DAS últimas lições ensinadas por Jesus aos seus discípulos antes de sua morte foi a da videira e dos ramos, registrada em João 15:1-8. Nessa parábola, Jesus começou dizendo: “Eu

Versículos selecionados:
João 15:1-17

sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.” (v. 1) Como era de seu costume,

Jesus honrou e glorificou seu Pai Celestial, enfatizando que Deus era superior e maior que ele mesmo. A expressão “videira verdadeira” pressupõe que há também uma videira falsa, descrita na Bíblia como uma

que Deus “não plantou”, a “videira da terra”, um falso sistema terrestre. — Mat. 15:13; Apo. 14:19

Continuando a parábola, Jesus disse: “Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda.” (João 15:2, ARA). A parábola se refere aos seguidores individuais de Cristo. “Todo ramo em mim” indica que cada um de nós tem uma relação individual com Jesus e com o Pai Celestial. A expressão “ele limpa” refere-se à poda feita por Deus, realizada através de nossas experiências. Os modos de Deus realizar essa poda em nós devem ser entendidos como sendo para nosso benefício espiritual, caso contrário, podemos ficar desanimados. Ela pode envolver a perda de riqueza material ou projetos importantes, perseguição ou doença, ou a perda de reputação e amizades.

Tal poda deve ser um encorajamento para nós, porque demonstra o amor de Deus, e que ele está olhando para os nossos interesses espirituais mais elevados. Como o apóstolo Paulo escreveu: “Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados.” (Heb. 12:11, *NVI*) Que consolo é saber que Deus é aquele que faz a “poda” em nossas vidas como ramos da videira verdadeira!

Jesus disse que o propósito de nossa poda é para que “possamos produzir mais fruto”. Esse “fruto” não envolve construir grandes e impressionantes igrejas. Caso contrário, Jesus e os apóstolos não teriam produzido fruto algum. Da mesma forma, esses frutos não são nossas atividades no serviço da verdade, nem o

tempo, o esforço ou as riquezas usadas em tais empreendimentos. Nossas atividades no serviço da verdade e aos irmãos só são aceitáveis para Deus na medida em que forem o resultado dos frutos já desenvolvidos em nosso caráter. Esses frutos do Espírito Santo, diz Paulo, são “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade”. — Gál. 5:22, 23, *BJ*

Em nosso Versículo-chave, que vem depois da parábola da videira e dos ramos, Jesus diz que devemos amar uns aos outros como ele nos amou. Tal amor é puro, altruísta, sacrificial, e é um dos elementos fundamentais do fruto do caráter que devemos alcançar. Nossas experiências possibilitam o desenvolvimento desse amor de várias maneiras. Estas incluem consolar nossos irmãos que podem estar “em qualquer tribulação”, e o encorajamento de uns aos outros ao “amor fraternal e às boas obras”. (2 Cor. 1:4; Heb. 10:24, *KJA*) Também demonstramos esse amor, evitando palavras, ações e qualquer outra coisa que possa fazer tropeçar, ofender ou enfraquecer espiritualmente nossos irmãos. (Rom. 14:21) Em vez disso, devemos ser “bondosos e compassivos uns com os outros, perdoando-vos uns aos outros”. (Efé. 4:32, *BJ*; Col. 3:13) Cultivemos o fruto do amor para que ele permeie nossas palavras e ações todos os dias — para com nossos irmãos, o mundo da humanidade e até mesmo nossos inimigos — e, assim, permaneceremos no amor de Deus.

Lição 4

O amor de Deus restaura

Versículo-chave: “Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos, e convertei-vos a Jeová vosso Deus porque ele é clemente, cheio de compaixão, tardio para se irar e de muita misericórdia, e se arrepende do mal.” — Joel 2:13 TB

Versículos selecionados: Joel 2:12, 13, 18, 19, 28-32

a presente Era Evangélica. (Dan. 12:1; Mat. 24:21, ARA; Jer. 46:10) Na profecia de Joel, esse período é descrito como “um dia de nuvens e de trevas espessas... diante deles um fogo consome ... e nada lhe escapará.” (Joel 2:2, 3, ARCA) O “fogo” mencionado aqui é simbólico, e refere-se à destruição. O versículo 10 diz que a terra, que simboliza as instituições atuais, feitas pelo homem, “treme”, e os céus, denotando sistemas religiosos falsos, “se abalam”.

No versículo 11, o profeta fala de um “exército” diante do qual “Jeová faz ouvir a sua voz”. A sabedoria de Deus permitirá que as esperanças, medos, loucuras e egoísmo desse grande “exército” de homens descontentes sejam usadas nos próprios grandes

O CONTEXTO da lição desta semana é encontrado a partir de Joel 2:1, que afirma: “Tremam todos os habitantes da terra, porque vem vindo o dia de Jeová.” A expressão “dia de Jeová” refere-se a um período descrito em outros lugares na Bíblia como “um tempo de angústia”, “grande tribulação” e um “dia de vingança”, que encerrará

propósitos de Deus para a derrocada das instituições atuais — sociais, religiosas, políticas e econômicas. Essas experiências prepararão a humanidade para o reino de justiça e paz de Deus, que depois será estabelecido na Terra.

Isso marcará um ponto de virada nos arranjos de Deus para o homem. O versículo 12 abre uma “fresta de esperança” para as tribulações descritas anteriormente. “Todavia ainda agora, diz Jeová, convertei-vos a mim de todo o vosso coração.” Um dos principais propósitos de Deus em permitir esse período de angústia, escuridão e tristeza é para que a humanidade faça mudanças e retorne ao seu criador que é Todo-sábio, Poderoso, Misericordioso e Amoroso, para a solução de todos os seus problemas. Nosso Versículo-chave diz: “Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos, e convertei-vos a Jeová vosso Deus porque ele é clemente, cheio de compaixão, tardio para se irar e de muita misericórdia, e se arrepende do mal.”

Mais adiante, nessa profecia, Joel diz: “Não tenhas medo”, mas “alegra-te e exulta, porque Jeová tem feito grandes coisas. ... Comereis abundantemente e vos fartareis, e louvareis o nome de Jeová vosso Deus, que se houve [lidou] maravilhosamente para convosco... eu sou Jeová vosso Deus, e que não há outro; e o meu povo nunca será envergonhado.” — vs. 21, 26, 27

“Acontecerá depois que derramarei o meu espírito sobre toda a carne.” (v. 28) Aqui está uma das muitas provas bíblicas de que o Espírito Santo não é um ser à parte. Não é possível “derramar” uma pessoa espiritual. Pelo contrário, o Espírito Santo é o poder e a influência de Deus. No dia de Pentecostes, quando o

Espírito Santo foi dado ou derramado sobre os apóstolos e outros crentes consagrados reunidos em Jerusalém, Pedro disse: “Isto é o que foi predito pelo profeta Joel.” (Atos 2:16, *NVI*). Após o discurso de Pedro, o Espírito Santo de Deus foi derramado também sobre “cerca de três mil” cujos corações foram tocados pela mensagem do Evangelho. (v. 41) Esse derramamento do Espírito foi somente sobre os seguidores do Senhor, não sobre toda a humanidade. No entanto, no reino de Deus, que logo virá sobre a Terra, seu Espírito será derramado “sobre toda a carne” e “serão benditas todas as famílias da terra”, de acordo com a promessa imutável de Deus! Gên.12:3; 22:18; 26:4; 28:14; Atos 3:25; Heb. 6:13-18

Gentios convidados para o Corpo de Cristo

A BUSCA PELO POVO DE DEUS — PARTE 2

“A saber, que os gentios são coerdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho.” Efésios 3:6

OS SEGUIDORES de Cristo, após a sua morte e ressurreição, multiplicaram-se significativamente. No entanto, eles eram compostos apenas de judeus, e não havia o suficiente para completar o corpo de Cristo. Deus então começou a chamar e escolher discípulos dentre os gentios. O primeiro registro de um gentio convertido é de um centurião romano chamado Cornélio. Lemos a respeito dele: “Havia em Cesareia um homem chamado Cornélio, centurião do regimento conhecido como Italiano. Ele e toda a sua família eram piedosos e tementes a Deus; dava muitas esmolas ao povo e orava continuamente a Deus.” — Atos 10:1, 2, *NVI*

Parece que esse centurião era a mesma pessoa mencionada anteriormente em Mateus 8:5-10 e Lucas 7:1-9. O relato de Mateus diz o seguinte: “E, entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um centurião, rogando-lhe e dizendo: Senhor, o meu criado jaz em casa parálítico e violentamente atormentado. E Jesus lhe disse: Eu irei e lhe darei saúde. E o centurião, respondendo, disse: Senhor, não sou digno de que entres

debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado sarará, pois também eu sou homem sob autoridade e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu criado: faze isto, e ele o faz. E maravilhou-se Jesus, ouvindo isso, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé.”

Jesus acrescentou: “Mas eu vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no Reino dos céus; E os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes.” (vs.11, 12) Essa declaração profética feita por Jesus indicou que muitos em Israel não aproveitariam a oportunidade para se tornarem membros do corpo de Cristo, e que Deus se voltaria para os gentios para encontrar um povo para seu nome. Foi apropriada a observação de Jesus de que ele não havia encontrado “tanta fé” em todo o Israel, ao elogiar a fé daquele centurião.

UM CENTURIÃO RESPEITADO PELOS JUDEUS

Lucas fornece em seu relato alguns detalhes adicionais dessa experiência. Ele começa dizendo que, quando Jesus terminou de falar ao povo, ele “entrou em Cafarnaum. E o servo de um certo centurião, a quem este muito estimava, estava doente e moribundo. E, quando ouviu falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo.” (Lucas 7:1-3) Observamos por meio desse relato, que o centurião, um gentio, não se aproximou de Jesus diretamente, mas enviou anciãos de Israel para pedir-lhe o favor de curar o seu servo.

Os versículos seguintes nos dizem porque os anciãos judeus atenderam tão prontamente o pedido do centurião. “E, chegando eles junto de Jesus, rogaram-lhe muito, dizendo: É digno de que lhe concedas isso. Porque ama a nossa nação e ele mesmo nos edificou a sinagoga. E foi Jesus com eles.” (vs.4-6) O relato continua em harmonia com o de Mateus, incluindo a declaração de Jesus de que o centurião demonstrou mais fé do que todo o Israel. O relato de Lucas sobre este evento conclui informando-nos que os anciãos judeus que trouxeram Jesus, voltaram à casa do centurião e “acharam são o servo enfermo.” — v. 10

Logicamente, qualquer pessoa a quem Deus escolhesse para fazer parte do corpo de Cristo primeiramente teria tido algum contato com os ensinamentos de Jesus. Não sabemos quando Cornélio foi até Cesareia, que ficava na Judeia, mas provavelmente foi antes do início do ministério de Jesus. Observamos a oportuna direção de Deus nesse assunto. Ser deslocado da própria pátria para uma terra distante era improvável naquela época, a menos que a pessoa estivesse no serviço militar, ou na política romana. Como oficial do exército, Cornélio foi evidentemente designado para alguma responsabilidade na região da Judeia. Enquanto estava lá, ele possivelmente observou a forma de adoração de Israel, comparando-a com sua própria. Talvez tenha percebido a inutilidade de servir a múltiplos deuses pagãos e aceitado a adoração do único Deus verdadeiro de Israel. De qualquer modo, Deus preparou Cornélio e os de sua casa para o maior de todos os favores — um convite para correr pelo alvo do prêmio da chamada celestial!

UM ANJO APARECE

O registro da conversão de Cornélio encontra-se em Atos capítulo 10. Um anjo do Senhor lhe apareceu em uma visão, e instruiu-o a mandar buscar Pedro, que estava em Jope, na casa de um curtidor chamado Simão. Cornélio obedeceu, enviando dois de seus servos e um devoto soldado. (vs. 1-8) Por volta daquele mesmo tempo, Pedro teve uma experiência muito incomum. Ele foi ao terraço para orar. Ele estava com fome e queria comer, mas enquanto a refeição estava sendo preparada, ele teve uma visão. Nesta visão, apareceu como que um “grande lençol atado pelas quatro pontas” descendo do céu. Nele estavam animais considerados impuros de acordo com a lei judaica. Uma voz disse: “Levante-se, Pedro; mate e coma”. Mas Pedro respondeu: “De modo nenhum, Senhor! Jamais comi algo impuro ou imundo!” A voz lhe falou segunda vez: “Não chame impuro ao que Deus purificou.” — vs. 9-15, *NVI*

Essa mesma mensagem foi repetida mais duas vezes. Enquanto Pedro ponderava o significado, os homens enviados por Cornélio estavam à porta perguntando se Pedro estava hospedado ali. O Espírito Santo permitiu que Pedro associasse as três instruções da visão sobre comer os animais impuros, com os três gentios que haviam vindo em nome de Cornélio. (vs 16-21) Ao explicar sua missão, a descrição dada a Pedro, a respeito de Cornélio, é notavelmente semelhante à descrição de Lucas 7:5 a respeito do centurião romano. Lucas 7:5 diz: “Porque ama a nossa nação e ele mesmo nos edificou a sinagoga.” Atos 10:22 diz: “Cornélio, o centurião, varão justo e temente a Deus e que tem bom testemunho de toda a nação dos judeus.” Um centurião

romano que amava Israel o suficiente para construir uma sinagoga seria um homem muito incomum. O conhecimento de suas boas ações seria divulgado em toda a nação. É improvável que existissem dois centuriões que correspondessem a essa descrição única.

Pedro hospedou os visitantes durante a noite, e no dia seguinte todos eles viajaram para Cesaréia com irmãos de Jope os acompanhando. Quando chegaram à casa de Cornélio, encontraram um grande grupo de parentes e amigos próximos. (v.23, 24) O soldado “devoto” enviado nessa missão, bem como a presença desses associados, nos dá uma visão mais profunda da vida de Cornélio. Sua devoção ao Deus de Israel não era secreta, e outros haviam sido convencidos a adorá-Lo também. Quando Cornélio viu Pedro chegando, ele caiu a seus pés, adorando-o. Pedro explicou que isso não era necessário — ele era um homem comum. (vs. 25, 26) Ele também disse, lembrando-lhes de um ponto da Lei judaica que eles provavelmente estavam cientes: “Vós bem sabeis que não é lícito a um varão judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo.” — v. 28

O TESTEMUNHO DE CORNÉLIO

Após a indagação de Pedro sobre o motivo de terem ido buscá-lo, Cornélio relatou tudo o que acontecera a respeito do aparecimento do anjo. (vs. 29-33) Pedro exclamou: “Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas”, e começou a explicar a razão do interesse de Deus pelos gentios. (vs. 34-43) Ele falou sobre Jesus — como ele andou “fazendo o bem e curando todos os oprimidos do diabo”. É digno de nota

que Pedro falou dos ensinamentos de Jesus de uma maneira que dava a entender que já estavam familiarizados com eles, dizendo: “A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesu Cristo... esta palavra, vós bem sabeis.” — vs. 36, 37

Como dito por Pedro, o Espírito Santo veio sobre seus ouvintes e eles receberam o dom de falar em línguas estrangeiras. Por causa desse sinal, nenhum dos irmãos judeus ali, assim como Pedro, duvidaram de que os gentios haviam sido chamados por Deus. Cornélio e toda a sua casa foram batizados, e Pedro ficou com eles por vários dias. (vs. 44-48) Embora o nome de Cornélio seja lembrado como sendo o primeiro gentio convertido ao cristianismo, todo o grupo reunido em sua casa havia sido convidado por Deus para buscar a chamada celestial.

A seleção desse primeiro grupo de gentios marcou o fim do favor exclusivo a Israel para terem a grande honra de ser parte da classe da igreja. A partir desse ponto, não haveria “nem judeu nem grego”, mas todos seriam “um em Cristo Jesus”. (Gál. 3:28) O caminho estava agora aberto para os gentios fazerem parte do corpo de Cristo, e o testemunho da Igreja Primitiva, sob a orientação dos apóstolos, começaria a divulgar o Evangelho a mais gentios.

O INTERESSE DOS GENTIOS CRESCE

A perseguição intensa havia levado muitos irmãos judeus de Jerusalém para outras terras, resultando em uma difusão geral da mensagem da verdade. (Atos 8:1, 4) No início, aqueles que foram para outras regiões pregaram o Evangelho “somente aos judeus.” (Atos

11:19) Logo, porém, a mensagem deles também chamou a atenção dos gentios, e, à medida que seu interesse no Evangelho aumentava, alguns se tornaram crentes e começaram a se associar com os irmãos judeus.

Tal era a situação em Antioquia, uma cidade a cerca de 480 quilômetros ao norte de Jerusalém. Lemos: “E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra senão somente aos judeus. E havia entre eles alguns varões de Chipre e de Cirene, os quais, entrando em Antioquia, falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se converteu ao Senhor.” — Atos 11:19-21

As notícias desta afluência de gentios para a igreja em Antioquia chegaram aos ouvidos dos apóstolos em Jerusalém, que escolheram Barnabé para ir avaliar a situação. Ele era uma boa escolha pois havia tido uma associação anterior com gentios quando morou em Chipre, e provavelmente podia se comunicar bem com a língua local. Quando chegou, Barnabé encontrou toda a congregação — judeus e gentios — regozijando-se juntos no conhecimento do plano de Deus e ansiosos por saber mais. Ele se dispôs a ajudá-los tanto quanto podia em ampliar os estudos e a comunhão cristã, pois “era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé”. Por causa de sua valiosa ajuda, a igreja em Antioquia começou a prosperar e “muita gente se uniu ao Senhor.” — vs. 22-24

BARNABÉ PROCURA SAULO

Enquanto Barnabé observava o interesse crescente dos irmãos gentios pela verdade, sua mente, sem dúvida, voltou-se para o que o Senhor havia declarado sobre o ministério especial de Saulo aos gentios. (Atos 9:15) Convencido de que Saulo teria um interesse vital no que estava acontecendo, Barnabé foi a Tarso para encontrá-lo. Saulo, cujo nome Deus logo mudaria para Paulo, voltou com Barnabé para Antioquia, e foi lá que seu ministério como apóstolo teve início. Essa grande congregação em Antioquia, composta de irmãos judeus e gentios, foi a primeira desse tipo, e foi onde os irmãos foram primeiramente chamados de “cristãos”. — Atos 11:25, 26

Durante aquele tempo, uma fome veio sobre a região e, evidentemente, afetou severamente os irmãos em Jerusalém e na Judeia, que já eram bastante pobres. Quando a congregação em Antioquia soube da situação, fizeram uma coleta e enviaram-na pelas mãos de Barnabé e Paulo para ajudar seus amigos em Jerusalém. (vs. 27-30) Essa missão também deu a Barnabé a oportunidade de fazer um relato de primeira mão sobre a obra de testemunho que estava prosperando entre os gentios, e de familiarizá-los com o papel significativo de Saulo naquela obra. Sem dúvida, a dádiva que juntos trouxeram ajudou os irmãos judeus a perceberem a mão de Deus nesses importantes assuntos. Depois de completarem sua missão, os dois viajantes voltaram a Antioquia, e João Marcos, sobrinho de Barnabé, os acompanhou. — Atos 12:24, 25

Barnabé e Saulo foram escolhidos como “profetas e mestres” na igreja de Antioquia, junto com

outros três irmãos, “Simeão, chamado ‘o Negro’; Lúcio, de Cirene; Manaém, que havia sido criado junto com o governador Herodes”. (Atos 13:1, *NTLH*) Como mestres, eles tinham experiências diferentes, e vieram de lugares distantes. Barnabé tinha vivido na ilha de Chipre; Saulo veio de Tarso, na Ásia Menor; Lúcio era de Cirene, uma cidade no Norte da África. Não se sabe com certeza de onde Simeão, chamado “o Negro” (ou Níger) veio, mas imagina-se que também possa ter vindo da África. Manaém era da realeza judaica, tendo sido um irmão adotivo de Herodes, o tetrarca, e, muito provavelmente, criado em Jerusalém. Como era apropriado que na grande congregação de irmãos judeus e gentios em Antioquia, cinco anciãos com antecedentes tão diferentes fossem escolhidos para ensinar os irmãos. Fielmente, esses líderes da Igreja Primitiva “ministraram ao Senhor”, à medida que os gentios começaram a se unir aos judeus por aceitarem o convite para fazerem parte do corpo de Cristo. — v. 2

